

ANO 10 NÚMERO 16

CADERNOS SESC DE CIDADANIA

Lazer, Educação e Sociabilidade nas Piscinas | 2019

sescsp.org.br

Sesc

O elemento água { REPORTAGEM ESPECIAL: Muito além do lazer, piscinas também são espaços de educação e saúde { BASTIDORES: Saiba quem são os profissionais que mantêm a excelência das áreas aquáticas do Sesc { ENTREVISTA: O antropólogo José Magnani investiga usos e costumes do lazer { ENSAIO: Apaixonada por natação, a fotógrafa Madeleine Waller registra a rotina de piscinas públicas de Londres

Cursos de hidroginástica,
práticas aquáticas e atividades
recreativas motivam a prática da
natação e de outras modalidades
e estimulam a autonomia e a
consciência corporal

Mais informações em
sescsp.org.br



PROGRAMA
**DE ATIVIDADES
AQUÁTICAS**



LAZER, CONVIVÊNCIA E AÇÃO EDUCATIVA NAS PISCINAS DO SESC

Danilo Santos de Miranda
Diretor do Sesc São Paulo

AO LONGO DE MAIS DE 70 ANOS DE EXISTÊNCIA, O SESC AJUSTOU suas premissas de trabalho alicerçadas em bases educativas, atento às transformações históricas, socioculturais e tecnológicas. Para cumprir tal missão, foi sendo concebida uma proposta arquitetônica que busca privilegiar os lugares de encontro e convivência, de fruição e diversidade, de exercício da autonomia, entre os quais incluem-se piscinas, parques aquáticos e brinquedos molhados.

O conceito ampliado de cultura adotado pela instituição reconhece tais espaços como um potente instrumento de lazer, sociabilidade e educação, particularmente em prol dos momentos dedicados a si mesmo. Ao vivenciá-los, o cidadão mergulha em um tempo de suspensão propício às experimentações que podem favorecer a ressignificação de valores e estilos de vida. Assim, as atividades físicas, o esporte, a recreação, bem como a alimentação diferenciada, o turismo, as artes cênicas e visuais, e muitas outras práticas humanas realizadas nesse momento ganham inquestionável relevância.

Dentro desse contexto, a relação dos indivíduos com o meio líquido desperta fascínios e estranhamentos. Por isso, a qualidade das instalações e dos equipamentos, o cuidado com sua conservação, manutenção e segurança, a formação e a atualização de profissionais especializados, entre outros aspectos, configuram pontos sensíveis. Em paralelo, constituem-se como territórios educadores, mobilizando conteúdos e significados relacionados aos campos da sustentabilidade, da ludicidade e da cidadania.

Ao longo desse caderno, vários desses aspectos serão abordados em uma perspectiva histórica, multidisciplinar e transversal, a fim de inspirar ideias e ações para esta área. Considerando a complexidade dos temas envolvidos e a importância de difundir boas práticas entre os diversos públicos é que compartilhamos saberes e informações capazes de ampliar conceitos e percepções sobre esse lugar atravessado por descobertas e aprendizados. ■

índice }

Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo:



p.5 *artigo Sesc*

Paradigma da piscina como espaço de convivência e educação embasa ações do Sesc nessa área.

p.8 *reportagem especial*

Espaços aquáticos propiciam oportunidades de lazer e de saúde, mas também de educação e cidadania.

p.18 *intervenção*

Conheça algumas obras da coleção de arte do Sesc nas piscinas das unidades.

p.24 *bastidores*

O Sesc São Paulo administra 89 piscinas. Conheça o trabalho dos responsáveis por manter esses espaços.

p.30 *entrevista*

O antropólogo José Magnani observa como práticas de lazer são reconfiguradas a partir dos interesses de cada um.

p.34 *ensaio fotográfico*

A fotógrafa Madeleine Waller registra frequentadores de uma piscina pública de Londres e nota como os trajes de banho parecem transformar as pessoas.

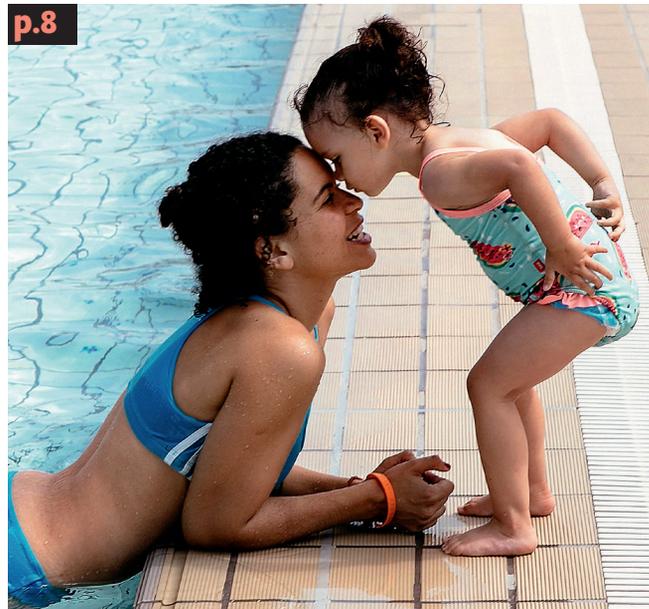


Foto: Flavia Valsani



Foto: Everton Ballardini



Foto: Madeleine Waller

Expediente

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman
DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini
TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula
ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

Cadernos Sesc de Cidadania Lazer, Educação e Sociabilidade nas Piscinas

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS Hélcio Magalhães ADJUNTA Karina Musumeci
ASSISTENTES Gislene Lopes e Tatiane Vieira de Almeida PRODUÇÃO DIGITAL Ana Paula Fraay GERÊNCIA DE ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO Marta Raquel Colabone ADJUNTA Ilona Hertel Assistente Ubiratan Nunes Rezende GERÊNCIA DE ENGENHARIA E INFRAESTRUTURA AMILCAR JOÃO GAY FILHO ADJUNTO Marcelo Fanchini ASSISTENTES Irimar Erotides Bergamo Palombo, Fabiano Leite Mendes e Alessandra Gonçalves da Silva GERÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO FÍSICO ESPORTIVO Maria Luíza Souza Dias ADJUNTO Ricardo de Oliveira ASSISTENTES Daniel Henrique S. Leite, Maria Ivani R. B. Gama e Paulo Henrique V. Arid

EDITOR Renato Essenfelder PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Marcio J. Freitas TRATAMENTO DE IMAGEM Edson Sales REPORTAGEM Gabriel Vituri, Camilo Gomide e Bruno Lazaretti ANÚNCIOS Jucimara Serra e Priscila Ravanelli Andreani (ESTAGIÁRIA)

A revista Cadernos Sesc de Cidadania é uma publicação do Sesc São Paulo. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios

Versão on-line em sescsp.org.br

Sesc São Paulo
Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000 São Paulo - SP
Tel.: (11) 2607-8255
cadernos.sescdecidadania@sescsp.org.br

sescsp.org.br



AUTONOMIA DENTRO E FORA DA ÁGUA

NO SESC, AS PISCINAS, ASSIM COMO OUTROS EQUIPAMENTOS DE USO COMUM, são lugares educativos, com propostas de utilização que promovem a formação do indivíduo e suas diferentes dimensões.

Já não é de hoje que o nome da instituição é associada, em todo o Estado, a instalações aquáticas. Nas 89 piscinas espalhadas por 31 de suas unidades, diariamente milhares de frequentadores praticam a natação e outros esportes aquáticos, fazem aulas de hidroginástica, participam de atividades lúdicas e recreativas, interagem entre si em um ambiente favorável à manutenção da saúde e à melhoria da qualidade de vida.

Desde a inauguração de seus primeiros espaços aquáticos – nas unidades de Ribeirão Preto, no interior do Estado; de Bertioga, no litoral; e da Consolação, na capital – as piscinas foram oferecidas aos comerciários (atualmente denominados de Credenciados Plenos), ampliando suas possibilidades de acesso ao lazer.

Assim, como um reflexo dos anseios e discussões da instituição, os espaços que propiciam encontro de pessoas, como teatros, áreas de convivência, quadras esportivas, entre outros, podem colaborar para a ressignificação de valores e de estilo de vida e na formação do indivíduo em sua totalidade,

considerando a educação como pressuposto para a transformação social.

Outro valor que caracteriza esses espaços é a acessibilidade, que está refletida, por exemplo, na construção de rampas e/ou elevadores que favorecem o acesso também às pessoas com deficiência, configurando um lugar de diversos interesses e que contempla uma grande abrangência de práticas recreativas e esportivas.

Desta forma, as ações de desenvolvimento físico e esportivo do Sesc São Paulo, de caráter permanente, eventual ou recreativo, promovidas nas diferentes piscinas e parques aquáticos, são baseadas no conceito do nadar, como a possibilidade de deslocar-se na piscina com segurança. Elas contemplam, assim, o universo de manifestações corporais criadas pelo homem no ambiente aquático com o intuito de favorecer o desenvolvimento da autonomia, o acesso do indivíduo, o vínculo e a participação de pessoas de diferentes faixas etárias e níveis de habilidade.

Cidadania e educação

Essa mudança de paradigma, no Sesc, a partir dos anos 1980, é materializada com a diminuição da profundidade das piscinas. Hoje, esses equipamentos

possuem profundidades máximas entre 1,40m e 1,60m, e as piscinas infantis têm altura entre 0,30m e 0,60m. Tal reconfiguração reforça o caráter das instalações: se as pessoas podem se apropriar do espaço para criar suas próprias formas de lazer e convivência, cumpre-se o objetivo de oferecer autonomia a seus frequentadores.

Toda a estrutura física colabora para os diferentes usos do espaço aquático, para que os frequentadores possam vivenciar momentos de lazer, participar de atividades orientadas ou autogeridas, ou simplesmente desfrutar da água como elemento lúdico, que oferece diversas possibilidades de convivência.

Para oferecer conforto ao público, as piscinas do Sesc, em geral, são aquecidas – as externas, por sistemas quebra-gelo, de aquecimento mais potente, dispostos por meio de vários sistemas isolados ou que trabalham de maneira complementar. Como exemplo, há equipamentos cujo aquecimento é feito por painéis solares; outros aproveitam o calor rejeitado pelo sistema de ar-condicionado, com a troca de calor entre eles; e ainda, pelo uso de sistemas convencionais, com apoio de eletricidade ou gás.

A transição para uma matriz energética mais sustentável tem sido, a propósito, uma das grandes preocupações do Sesc, que estuda a ampliação no uso de painéis solares e a utilização futura de placas fotovoltaicas, o que conecta o tema das piscinas com as discussões atuais sobre sustentabilidade e meio ambiente.

O Sesc considera fundamental a qualidade da água e mantém um rigoroso padrão de tratamento baseado em normas nacionais e internacionais. A instituição apresenta o mesmo cuidado com as áreas próximas, como os solários, vestiários, banheiros e todo o parque aquático.

Neste contexto os funcionários colaboram para a educação não formal e permanente, assim como os



TOBOÁGUA. Frequentadores se divertem no parque aquático do Sesc Itaquera.



A profundidade das piscinas permite que os frequentadores do Sesc possam usar esses espaços para aprender a nadar, para fazer aulas de hidroginástica ou para simplesmente gozar de momentos de lazer: boiar, brincar, curtir a água como um elemento essencialmente lúdico.



Foto: Michele Mifano



O conceito de uso racional da água substitui a noção de “economia de água”. Não se trata de forçar a redução do consumo, mas sim de consumir melhor.



tratadores de piscina, responsáveis pelo adequado funcionamento dos equipamentos, e os guardiões de piscinas, como são denominados os salva-vidas, que zelam pela segurança e orientam os frequentadores sobre o uso apropriado do espaço.

O conceito de uso racional da água substitui a noção mais simplista de economia de água. Não se trata, afinal, de forçar uma redução dos parâmetros atuais de consumo, mas sim de estabelecer, em todos os níveis e equipamentos, o uso consciente. Somente em piscinas, o Sesc São Paulo

administra atualmente o notável volume total de 29.262 m³ de água, o que torna o uso cuidadoso desse elemento não apenas uma medida de economia, mas um verdadeiro compromisso de cidadania na gestão de recursos hídricos preciosos.

Assim, busca-se acolher e sensibilizar o público para a socialização, o aprendizado e a apreensão de novas habilidades corporais, além da promoção da qualidade de vida, permitindo aos frequentadores experimentar uma gama de manifestações corporais criadas pelo homem no ambiente aquático. ☒

Foto: Flavia Valsani

REFLEXOS DA ÁGUA

O que o uso das piscinas tem a dizer sobre a forma
como nos relacionamos com o mundo

texto: Camilo Gomide

VÍNCULOS. Mãe e filha na piscina do Sesc 24 de Maio; dentro e fora da água, espaço estimula convivência



Uma das melhores lembranças que Gislene Ribeiro de Lemos tem da infância é dos dias na piscina. Sempre que possível, a mãe a levava a um centro esportivo educacional em Pirituba, bairro na zona noroeste da cidade de São Paulo, para brincar com os irmãos. Da parte rasa onde ficava, a garotinha espiava a semiolímpica, proibida a ela, que era muito nova e não sabia nadar. Ainda levaria alguns anos até que ela aprendesse, mas foi ali que Gislene firmou um compromisso que a marcaria para o resto da vida: quando crescesse, nadaria numa semiolímpica.

A piscina em que Gislene não nadou nos finais da década de 1970, certamente, era muito diferente das encontradas hoje em dia. Até meados dos anos 1990, era muito comum que as piscinas tivessem uma profundidade muito maior. Como a prática de saltos ornamentais era popular, uma parte significativa do tanque tinha, em média, quatro metros de profundidade. Além disso, é claro, havia os trampolins. Desse ponto até a outra extremidade, uma rampa nivelava gradativamente a altura até dar pé para a maioria dos adultos, para, então, chegar a um nível seguro para a presença das crianças.

Com o passar dos anos, técnicos e engenheiros foram percebendo que essa configuração não fazia muito sentido. A parte funda do tanque, uma faixa bem larga, era pouco ocupada, enquanto o setor mais raso ficava apinhado de gente. Aos poucos, esse modelo foi sendo substituído por um novo padrão: o piso subiu e passou a ter a mesma profundidade em toda a área, algo entre 1,0m e 1,40m. Assim, a piscina tornava-se um espaço mais democrático.

O engenheiro Amílcar Filho, gerente de engenharia e infraestrutura do Sesc, é um dos profissionais que acompanhou de perto essas mudanças. Na instituição há mais de 30 anos, ele foi

um dos responsáveis pelas reformulações e pela criação de uma nova padronização das piscinas da instituição. “Imagino que há 40 anos tentava-se reproduzir o que era um rio ou um lago sem ter a preocupação se as pessoas sabiam ou não nadar. Isso foi se transformando. Eu percebo que até em clubes isso evoluiu. A maioria dos parques aquáticos tem evoluído para equipamentos de uso geral e irrestrito, pensando em um uso mais democrático, com exceção daqueles que são voltados aos saltos ornamentais.”

Novo paradigma

Para o engenheiro, a principal mudança de paradigma foi a percepção de que a concepção das piscinas deve acompanhar a demanda das pessoas: “O que aconteceu ao longo desses anos é que a gente foi adequando sempre a piscina ao uso. Todas as questões relativas à construção foram acompanhando a necessidade da utilização do espaço”, diz. Outra adaptação natural decorrente dessa nova visão foi aumentar o nível da água em relação às bordas para facilitar a saída do tanque: “Antes, só era possível sair das piscinas por meio das escadas. A água ficava 30 cm abaixo da borda, o que dificultava a saída”.

Essas transformações deram resultado e as piscinas do Sesc passaram a atender um número consideravelmente maior de pessoas. A ocupação total do tanque também trouxe a possibilidade de praticar novas modalidades na água, como hidroginástica, nado sincronizado, recreação, até mes-

mo aulas de surf tornaram-se viáveis. Esses novos usos levaram o Sesc a repensar o próprio conceito de educação para a piscina. “A nossa proposta não é dar apenas um curso de natação, mas trabalhar as práticas aquáticas. Porque, na verdade, as pessoas não vão ao Sesc para serem exímias nadadoras, mas para saber o que podem fazer com a água”, explica Amílcar.

O afluxo maior de gente também obrigou os engenheiros a pensar em soluções para o tratamento da água. A qualidade dela é um dos fatores de cuidado de segurança em uma piscina. Mais pessoas no tanque significa mais bactérias e possíveis contaminações. A água em uma piscina dificilmente é trocada (seria um desperdício) e, por isso, precisa circular constantemente. Nesses ciclos, o pH é regulado e uma quantidade pequena de cloro é usada contra os micro-organismos.

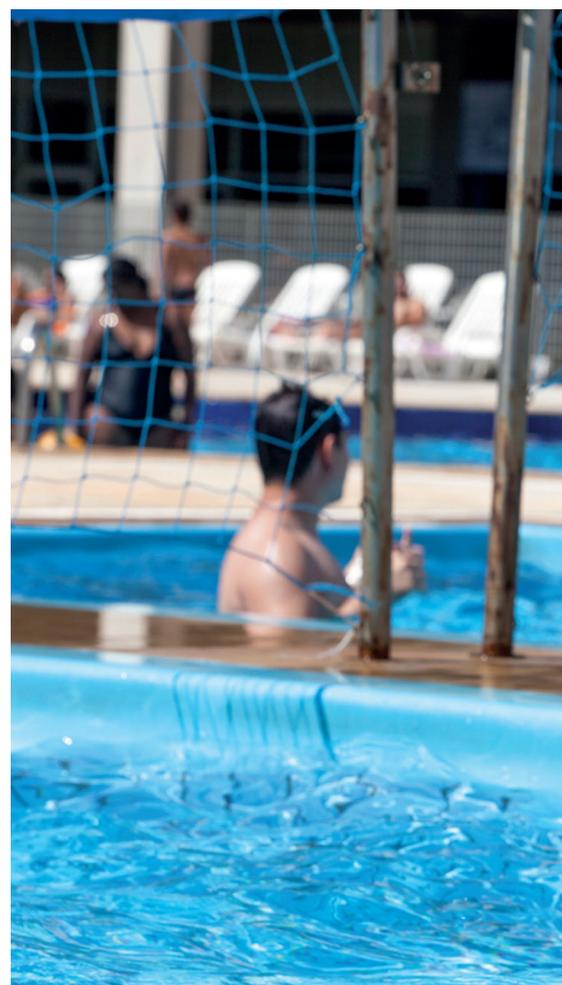
“Na natureza isso é compreensível. Em um lago, por exemplo, a água se renova. Chove, o lago transborda. Existem peixes, existe um constante equilíbrio. Agora, quando reproduzimos algo ou criamos um ambiente, somos responsáveis pela segurança daquele lugar, o que é uma tarefa complicada, pois exige uma série de providências que se sobrepõem de forma a garantir a saúde e o bem-estar dos frequentadores”, conta Amílcar.

Muito além do tanque

Existem vários fatores que precisam ser levados em consideração a respeito do uso que as pessoas fazem da pisci-



A maioria dos parques aquáticos tem evoluído para equipamentos de uso geral, mais democráticos.





DIVERSÃO. Acima, criança participa de atividade no Sesc Araraquara, abaixo, a piscina do Sesc Santo Amaro.



Foto: Daniel Ducci

na, desde a experiência no vestiário à entrada na água. O projeto arquitetônico de uma piscina de utilização pública deve levar em conta fatores como a disposição do sol, assim como o perfil da vizinhança onde ela será inserida e as práticas que ali serão realizadas, para não entrar no mérito dos muitos aspectos técnicos envolvidos. E por trás de cada uma dessas escolhas existe um conceito.

O arquiteto Edson Elito, responsável pela arquitetura das unidades do Sesc Araraquara, no interior de São Paulo, e do Sesc Santo Amaro, na capital, conta que uma das premissas dos projetos era a integração das piscinas com as demais áreas dos complexos.

“O princípio do Sesc é que ele seja um espaço de descoberta e fantasia, onde as pessoas possam sair do cotidiano, das obrigações, dos deveres e entrar num espaço de libertação da mente e do espírito. Um lugar onde o indivíduo possa ler, ter cultura, esporte, lazer e esporecer”, diz Elito.

A ideia da equipe de arquitetos de Elito para a construção do Sesc Santo Amaro, por exemplo, foi projetar um prédio o mais horizontal possível, onde fosse possível visualizar todas as ofertas de atividades disponíveis, independentemente do lugar. “Dessa forma, alguém que esteja ali para ler pode ver que também existe uma piscina no local e se interessar em nadar, e vice-versa”, explica.

Outro aspecto importante para a compreensão do espaço nesse projeto, segundo Elito, é o fato de ele praticamente não ter paredes. A maioria das divisórias do edifício são feitas de vidro, justamente para ampliar a visibilidade de todo o ambiente. “A transparência do vidro e a ausência de anteparos onde não há necessidade faz com que haja essa possibilidade de escolha de espaços e atividades pelos sentidos”, diz o arquiteto.

No caso da piscina, em especial, a transparência também tem outro propósito: desafiar o tabu em relação ao



SOCIALIZAÇÃO. Frequentadores se reúnem para nadar, brincar ou apenas se banhar na piscina do Sesc Belenzinho.

corpo. A área de banho está localizada na entrada da unidade. Um vidro leitoso impede que os banhistas fiquem expostos aos transeuntes da rua, mas eles podem ser vistos da maioria das áreas internas de convivência. “Pensamos que, ao naturalizar a presença do corpo seminu, podemos contribuir para o fim de preconceitos”, explica Elito.

Para fazer uma unidade como a descrita por Elito são contratados, aproximadamente, 34 projetistas especializados. De acordo com o gerente de engenharia e infraestrutura do Sesc, Amílcar Filho, a entidade trabalha em todo o ciclo: a escolha do terreno, a concepção do projeto, a construção e a operação. O princípio fundamental desse método é construir equipamentos que atendam efetivamente as pessoas e sejam duradouros.

“No fim das contas a importância



“Pensamos que, ao naturalizar a presença do corpo seminu, podemos contribuir para o fim de preconceitos”



de tudo o que a gente faz está nas pessoas, estamos aqui para gerir e atender pessoas. Quando a gente identifica um equipamento como a piscina, que é quase um carro chefe de atração de público, até por toda a magia que a água traz, todas as áreas, obviamente, começam a se esmerar e produzir aquilo que eles acham de melhor para que aquele equipamento funcione adequadamente e atenda a população”, diz Amílcar.

O encanto da água

O hábito de se banhar em rios e tanques semelhantes às piscinas como as conhecemos hoje é registrado desde a antiguidade. Gregos, romanos e egípcios, milhares de anos antes de Cristo, mantinham rituais diários de banho. A forma como nos relacionamos com a água, no entanto, deve mais aos índios do que a outros povos ocidentais.



ARTE. Instalação da artista Tomie Ohtake no Sesc Vila Mariana, que usa 1.500 metros de aço carbono galvanizado em um desenho fluido que lembra ondas na água.

Quando chegaram ao Brasil, em 1500, os portugueses se espantaram com o número de vezes que os indígenas se banhavam, mas, aos poucos, perceberam os benefícios do costume e o incorporaram. Até hoje, o rio tem um papel central na vida das tribos brasileiras. É por meio da relação com a água que o indígena entende os limites do próprio corpo, quando criança, e que se estabelecem seus principais vínculos com a natureza. O rio, para o índio, é a própria vida: é ali que ele pesca, navega, se banha, se diverte e tem grande parte de suas interações e aprendizados.

Às vezes é difícil encontrar uma resposta racional para explicar o porquê de nosso fascínio pela água. Gislene Ribeiro de Lemos, por exemplo, ainda hoje, aos 50 anos, não sabe dizer ao certo de onde vem a paixão pela água e nem teoriza sobre os mo-



O hábito de se banhar em rios e tanques semelhantes às piscinas é registrado desde a antiguidade, mas, no Brasil, está muito associado à relação dos indígenas com a água.



tivos que a levaram a prometer, quando criança, um dia nadar em uma piscina semiolímpica. Ela simplesmente gosta de água desde que se entende por gente e não consegue viver sem nadar.

Mas nem sempre foi assim, e, de certa forma, isso aconteceu um tanto ao acaso. Aos 13 anos, Gislene deixou de frequentar assiduamente a piscina do centro esportivo de Pirituba e, aos poucos, foi abandonando os esportes. Seguiu com os estudos e começou a trabalhar. Quatro vezes ao ano, pelo menos, ia à praia com a família, onde podia curtir seu lugar favorito, a água, mesmo sem saber nadar propriamente. Foi só aos 23 anos, dois anos depois de ser mãe, que tomou a iniciativa de se matricular numa escola particular de natação. Aprendeu mais ou menos dois estilos e passou a se dedicar quase exclusivamente ao trabalho e à família.

Nos últimos sete anos Gislene tem conseguido aproveitar as piscinas como gostaria. Matriculou-se novamente em aulas de natação, aprendeu os quatro estilos e, desde 2016, participa de travessias marítimas. Duas vezes por semana, antes de ir para o trabalho, Gislene cai na piscina do Sesc Pompeia uma hora antes da aula. Ela emenda o treino individual com a sessão acompanhada pelo professor. “É um momento que é uma válvula de escape para mim. Na correria do dia a dia, ali é o lugar que eu tenho para cuidar de mim: sou eu e a piscina e a piscina e eu”, diz Gislene.

Uma explicação possível para o encanto exercido pelas áreas de banho é a interação social que existe nesses lugares. Esse fator foi uma das conclusões apresentadas pelo antropólogo José Magnani no relatório “Cultura e Lazer: práticas de lazer e físico-esportivas dos frequentadores do Sesc em São Paulo”. Ao analisar a dinâmica de convivência dos frequentadores da unidade do Belenzinho e de Itaquera, na zona leste da capital paulista, Magnani percebeu a importância da sociabilidade: “As pessoas se encontram, se observam, paqueram, há a possibilidade de a criança brincar de um jeito e o adulto de outro. Na antropologia a gente poderia chamar isso de fato social total. Não é simplesmente o contato da água com o corpo, é todo esse conjunto, a roupa, o corpo, o olhar, tudo isso faz com que o lazer na piscina seja amplo, e diverso, na verdade”, diz o pesquisador.

O antropólogo afirma que a piscina exerce esse papel inclusive em ambientes privados: “Mesmo nesses casos elas são de uso coletivo em termos familiares, dentro de um ciclo de convivência da pessoa. Normalmente não é para uso individual. Como lazer, mesmo numa casa de família, a piscina é lugar de convivência, com familiares, colegas, que se reúnem para curtir algo em torno da piscina, não necessariamente pra entrar na água, mas



“A piscina, na verdade, é um centro de sociabilidade. As pessoas até entram na água, mas às vezes você vê uma piscina enorme e todo mundo está em volta”

para conversar, debater, ter formas de sociabilidade. A piscina, na verdade, é um centro de sociabilidade. As pessoas até entram na água, mas às vezes você vê uma piscina enorme e todo mundo está em volta, nas cadeiras, tomando sol, conversando, mas não necessariamente dentro da água. Ela tem esse lado simbólico importante, de estar no centro de um espaço de convivência”, diz (leia a entrevista com o antropólogo à pág. 30).

Espaço de cura

Na vida do artista plástico Marcos Concílio, de 72 anos, a piscina foi uma imposição médica. A vida inteira Marcos praticou exercícios físicos, mas, desde 2002, devido a um problema na articulação coxofemoral, se viu obrigado

Foto: Nelson Kon



Foto: Evelson de Freitas



DEMOCRÁTICA. Acima, atividade esportiva no Sesc Birigui; ao lado, a piscina do Sesc Guarulhos.

a abandonar atividades de impacto – até mesmo caminhadas longas tiveram de ficar de fora.

Há anos Marcos frequenta o Sesc Consolação, a poucos metros de sua casa, mas até então ignorava solenemente o tanque d’água. “Não tinha uma grande atração pela piscina. Quando você chega ao Sesc Consolação dá para ver pelo vidro a piscina, tem até uma área com arquibancada se você quiser assistir o pessoal, mas eu não chegava nem até lá. Eu via pela porta de vidro que havia uma piscina, mas passava direto e pegava o elevador para a sala de ginástica, ou para as quadras”, conta o artista plástico.

Marcos fez aulas de natação por um tempo para aprender a nadar e, logo depois, migrou para a hidroginásti-

ca. Por frequentar diariamente o Sesc, acabou estabelecendo o tipo de vínculo social descrito pelo antropólogo José Magnani. “Duas vezes por semana faço a hidro e nos outros dias vou porque quero. Nos dias que não tenho aula, fico me exercitando na água e batendo papo com os amigos. Vou encontrar meu pessoal, conversar e começar o dia. Virou um hábito. É essencial para o meu bem-estar, me sinto muito bem fisicamente depois que saio da piscina, preparado para começar o dia”, diz Marcos.

O economista Caio Medeiros, 67, também deu as primeiras braçadas por conta de um problema de saúde. Aos três anos de idade, foi vítima de poliomielite e perdeu a musculatura superior da coxa esquerda. “Eu já sabia

PISCINAS PÚBLICAS E QUESTÕES SOCIAIS

Um olhar cuidadoso sobre a história das piscinas tem muito a revelar sobre uma sociedade. É o que demonstra o historiador Jeff Wiltse em seu livro “Contested Waters: A Social History of Swimming Pools in America” (Águas conflituosas: uma história social das piscinas na América, em tradução livre, não editado em português) e o grupo de pesquisadores que organizou a obra “The Pool: Architecture, Culture and Identity in Australia” (A piscina: Arquitetura, Cultura e Identidade na Austrália, em tradução livre, também sem edição brasileira).

Wiltse remonta a trajetória das piscinas municipais nos EUA desde seu surgimento, no século 19, até o fim do século 20. Menos interessado em questões técnicas do que em aspectos sociológicos, o autor faz um retrato de como questões como machismo, racismo e diferenças de classes foram vivenciadas pelos americanos nesse espaço público ao longo desse período.

“The Pool”, apesar de estar vinculado a uma instalação concebida para a Bienal de Arquitetura de Veneza, de 2016, segue uma linha de investigação parecida. O trabalho mostra a importância da piscina como espaço público para a formação social da Austrália. Uma história de integração e exclusão dos povos aborígenes.

andar, mas tive de aprender de novo”, conta Medeiros. Os médicos recomendaram exercícios na água para estimular os músculos da perna.

Caio encontrou nos esportes uma forma de se igualar aos outros. Nasceu em Monte Alto, no interior de São Paulo, ele conta que sempre nadou em açudes, mas que até os 16 anos tinha vergonha de frequentar as piscinas. “Nessa época eu só andava de calça, tinha uma certa resistência em mostrar a perna, mas todo mundo percebia porque eu manco um pouco”. Numa certa ocasião, foi levado pelos pais para assistir uma competição de natação em um clube local na qual um garoto sem um dos braços competia. Alguma coisa mudou depois de ver aquele menino nadar rápido e ouvir da mãe que ele também podia fazer o mesmo.

Embora tenha praticado outras modalidades esportivas ao longo da vida, foi na natação que Caio acabou se firmando – em certa medida, por conta da ausência de impacto, mas também por gosto. Hoje ele nada 3km por dia em piscinas e participa de travessias no mar. Caio faz questão de frisar que, apesar do problema na perna, compete de igual para igual com todo mundo. Mesmo podendo concorrer na série de pessoas com deficiência, ele opta por participar da bateria geral. Seu último resultado é uma prova de sua capacidade: 1º lugar na categoria máster nos 4km do “Rei e Rainha do Mar 2018”, no lago Paranoá, em Brasília (DF).

Há ainda casos como o de Silvana Santos, 48, em que a natação resulta em uma melhora significativa de quadros clínicos graves. Há oito anos, Silvana foi diagnosticada com esclerose múltipla. Ao saber da doença, Silvana entrou em depressão. Seus médicos recomendaram que ela parasse de trabalhar e se dedicasse exclusivamente aos exercícios físicos.

Faz dois anos que Silvana largou o trabalho e começou a fazer ginástica multifuncional e natação no Sesc Pi-



“Nadar é muito bom porque eu me desligo de tudo, desestresso. Quando eu estou na piscina nadando é como se estivesse em um outro mundo”

nheiros. Em agosto de 2017, resolveu participar, também, das aulas de triatlo. De lá para cá, sua saúde psicológica melhorou e o número de crises diminuiu significativamente.

Para se ter uma ideia: em um ano ruim, Silvana teve de ser internada três vezes; já nesses dois últimos anos, ela enfrentou apenas duas internações, e ambas bem no início dessa sua mudança de vida. “Nadar é muito bom porque eu me desligo de tudo, tiro o foco da doença, desestresso e esqueço que estou numa cidade cheia de carro, poluída, cheia de problemas. Quando eu estou na piscina nadando é como se estivesse em um outro mundo”, diz. ■



VIDA NOVA. Acima e na página ao lado, imagens da outrora decadente zona portuária de Islands Brygge, na Dinamarca, que foi revitalizada com a instalação de piscinas públicas.

PISCINAS REVITALIZARAM PORTO DE COPENHAGUE

Em 2002, a cidade de Copenhague, capital da Dinamarca, dava o primeiro passo numa megaoperação de revitalização de uma antiga zona portuária. Neste ano, foi inaugurado o primeiro complexo de piscinas públicas do Copenhagen Harbour Bath, em Island Brygge.

Ao longo do século 20, o centenário porto de Islands Brygge deixou de ser uma área industrial pujante e um ponto militar estratégico para se tornar um bairro decadente e pouco habitado em uma área central da maior

cidade dinamarquesa, que possui cerca de 1,2 milhão de habitantes hoje.

A iniciativa é o resultado de uma parceria entre as companhias proprietárias dos empreendimentos locais com o poder público e faz parte de um projeto maior, conhecido como Blue Plan, cujo propósito é aumentar as opções de lazer na cidade.

Ao todo, são três conjuntos de piscinas públicas construídas dentro do mar e distribuídas ao longo da costa: Island Brygge, Fisketorvet e Sluseholmen. Cada um deles, com uma carac-

terística própria. O primeiro tem uma vida mais agitada e é usado, principalmente, por jovens que vão lá para correr, saltar do trampolim e se exercitar; o segundo é mais utilizado para o banho de sol e para a natação; e o último costuma ser frequentado por famílias.

“As piscinas acabaram atraindo muita atividade, como lojas, cafés etc., e criaram vida num porto fantasma”, conta Jacob Schrøder, gerente do Harbour Bath. Além disso, proporcionam uma experiência singular de lazer a céu aberto: “Ao mesmo tempo que você está nadando em um espaço ao ar livre, você está dentro da cidade. Você está literalmente no meio da cidade e pode ver os edifícios de Copenhague e tudo o mais. Isso é muito único”, comenta Schrøder. ■

Céu e Mar para Presente [Japonismo]

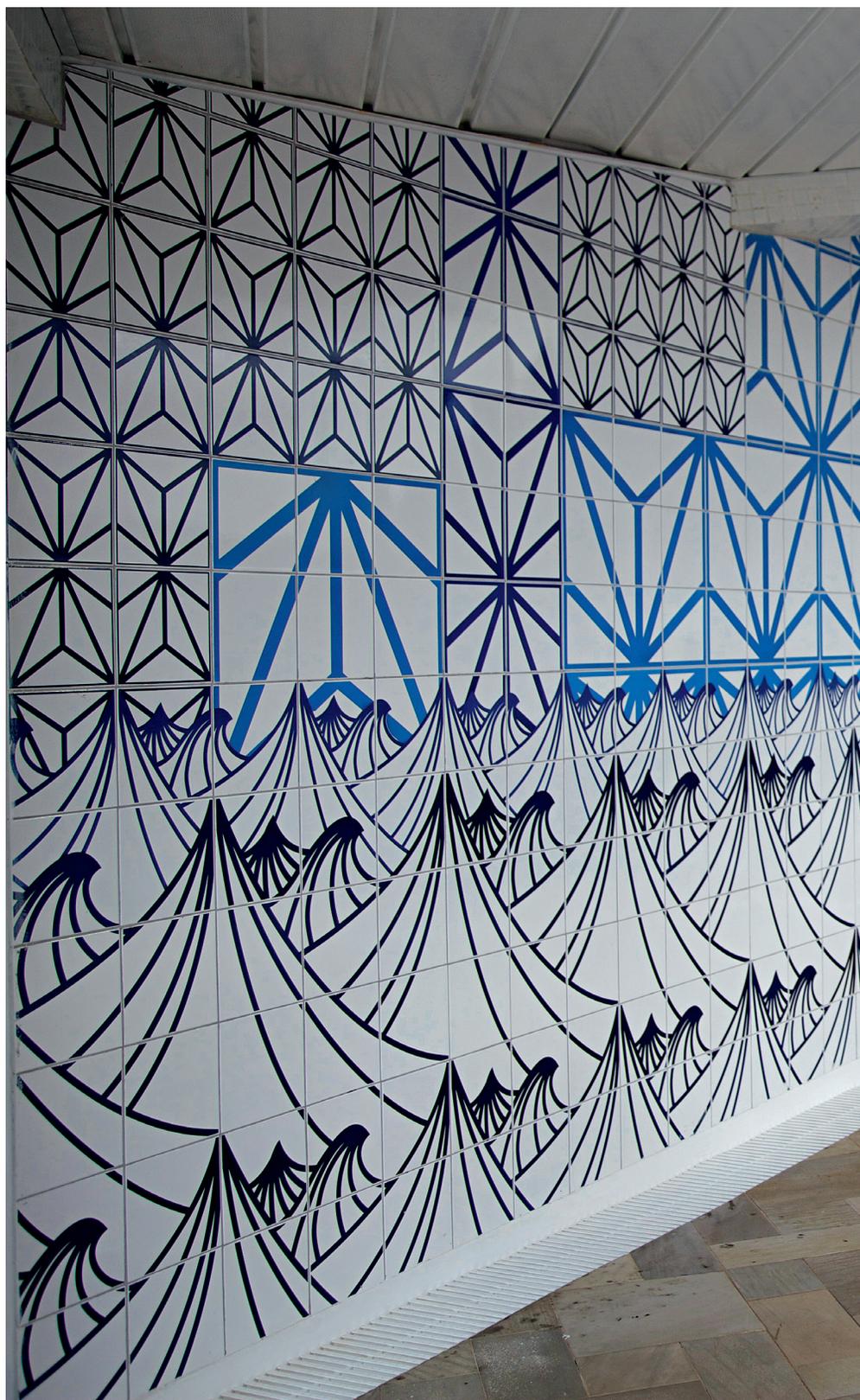
2011, azulejos serigrafados aplicados sobre parede (Acervo Sesc de Arte Brasileira/Sesc Santo André)

“Tento propor uma reflexão sobre a água em diferentes aspectos: simbólico, político, onírico, estético. A água é um elemento vital, presente em todas as religiões, símbolo de passagem.”

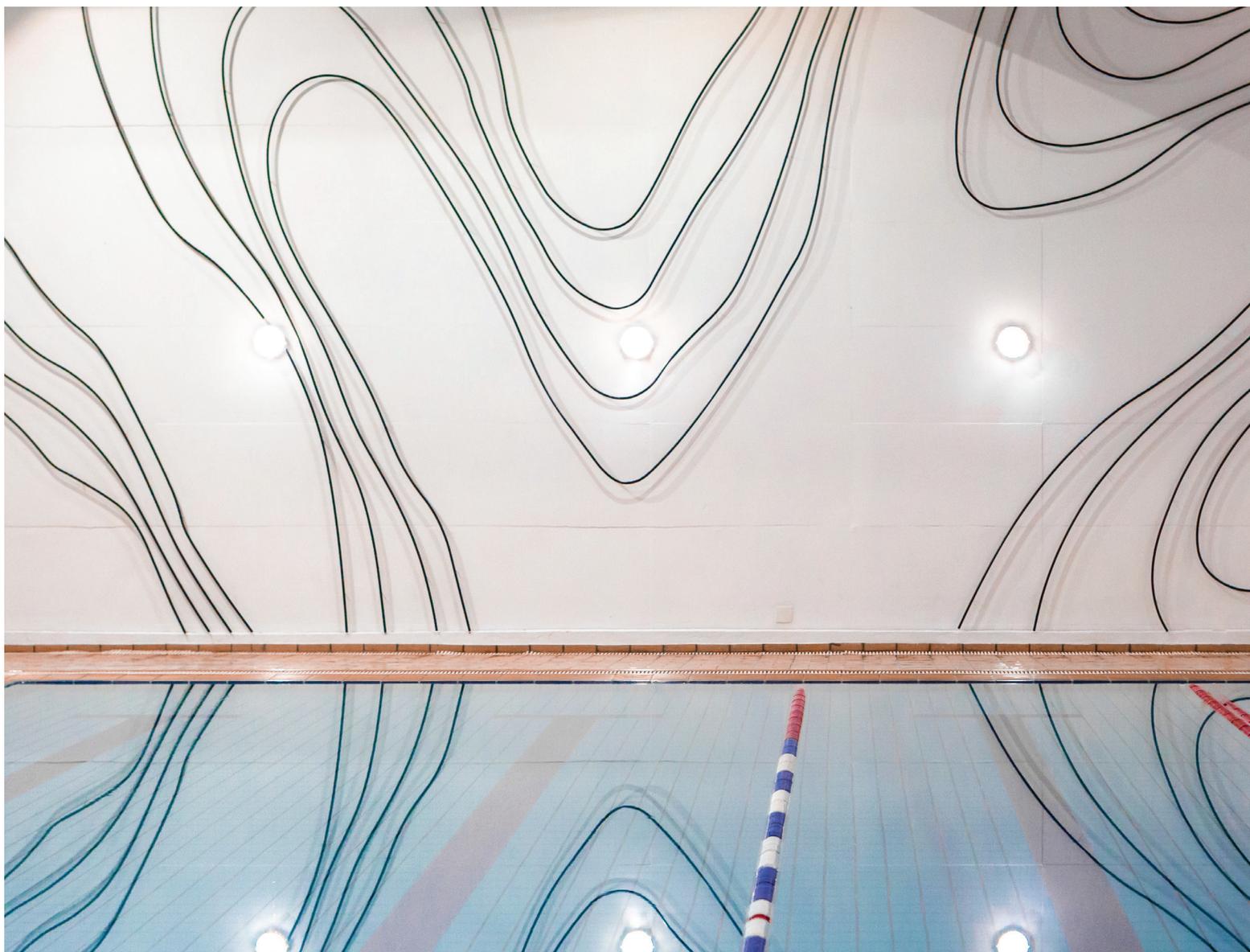
Imaginei a piscina como um grande presente para a comunidade, por isso a envolvi com os azulejos fazendo referências aos padrões japoneses, como um papel de presente.”

Sandra Cinto

artista e professora nascida em Santo André (1968), tem obras públicas permanentemente expostas no Brasil e no exterior







Reflexo d'Água

1997, escultura com 1.500 metros de aço carbono galvanizado (originalmente, a escultura era de ferro, mas foi restaurada em 2018 (Acervo Sesc de Arte Brasileira/ Sesc Vila Mariana)

Encomendado especialmente para a inauguração da unidade, o trabalho foi um divisor de águas, uma vez que instalações artísticas em espaços esportivos não eram comuns de se ver. “A Tomie sempre achou que obra de arte não era pra ficar em museu. Para ela, quanto mais público fosse o espaço, melhor para a cidade”, conta seu filho, Ricardo Ohtake.

Tomie Ohtake

(1913-2015) Artista japonesa radicada no Brasil, é uma das grandes representantes do abstracionismo, com pinturas, gravuras e esculturas distribuídas por museus e espaços públicos.



Foto: Everton Ballardin

Foto: Everton Ballardin



Sem título

2011, painel de 250 x 2.312,5 cm em poliuretano (Acervo Sesc de Arte Brasileira/ Sesc Bom Retiro)

Além de escolher um material que tivesse resistência à umidade, às variações de temperatura e ao vapor da água da piscina, a obra de Tozzi também levou em consideração o conforto do ambiente: “O painel é composto por placas de alumínio perfuradas com material termoacústico em seu interior para criar um ambiente mais confortável, com a absorção do ruído causado pela movimentação da água”.

Claudio Tozzi

(1944) Artista paulistano que começou sua carreira ainda na década de 1960, se utiliza de técnicas variadas em seus trabalhos, que versam sobre assuntos políticos e urbanos.

Foto: Everton Ballardin



Foto: Everton Ballardin

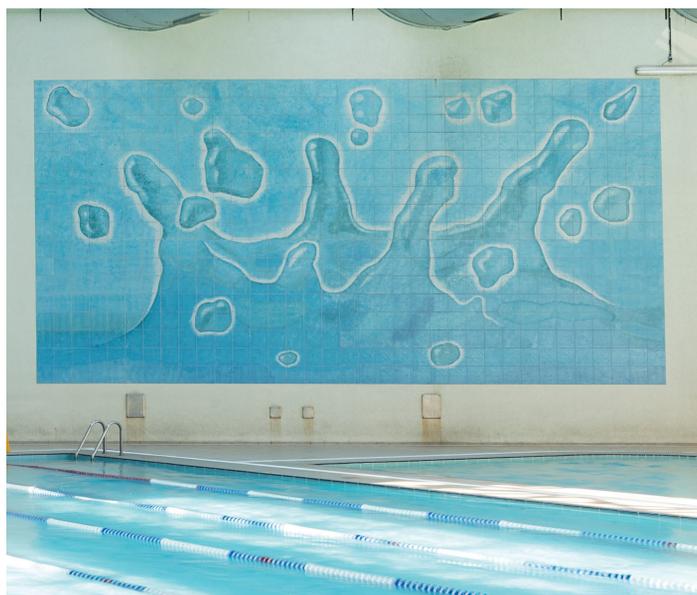


Foto: Everton Ballardin

Nuvem, Gota e Casa

2004, três painéis de cerâmica esmaltada
(Acervo Sesc de Arte Brasileira/
Sesc Pinheiros)

As três pinturas foram feitas manualmente, sem processo fotográfico ou mecânico para a transferência das imagens para os azulejos. “As imagens possibilitam o estabelecimento de relações individuais ligadas à memória afetiva e também leituras transversais, como um jogo.”

Sérgio Niculitcheff

(1960) Doutor em Poéticas Visuais pela Unicamp, o pintor tem diversas de suas obras expostas em museus e em coleções particulares. É considerado um dos nomes da 'geração 80' e do retorno à pintura naquela década.

Foto: Everton Ballardin



Sem título

2017, tinta mineral sobre azulejos de cerâmica (painel de 193 x 870 cm)
(Acervo Sesc de Arte Brasileira/Sesc Birigui)

Com 18 metros quadrados de pigmentos minerais sobre azulejos, a obra do coletivo se diferencia de outros trabalhos do grupo: “Todos os nossos desenhos são abstratos e de base geométrica, mas neste caso buscamos trazer, a partir das curvas e dos tons escolhidos, uma mistura do brincar na piscina com o movimento da água e da luz dentro dela”.

Coletivo MUDA

Surgido no Rio de Janeiro (2010), o coletivo usa a cidade como um espaço de experimentação visual, e hoje possui obras espalhadas em outras cidades brasileiras e em diversos países, como Nova York, Lisboa e Havana.

Planeta água

O Sesc São Paulo administra ao todo 89 piscinas; conheça um pouco do trabalho de bastidores para manter essas águas limpas e seguras

texto: Bruno Lazaretti



Amadas por frequentadores e disputadas pelo público em geral, as mais de 80 piscinas do Sesc São Paulo compõem um mundo à parte no universo da instituição. E, por trás da construção, manutenção e segurança delas, está um grupo especialmente apaixonado de profissionais que dedicam suas carreiras à água e ao lazer.

“Às vezes alguém pede as plantas [plantas baixas que mostram os projetos do ponto de vista técnico] das piscinas e o pessoal daqui fala: ‘não precisa, é só falar com o Bacana, ele mostra onde fica tudo’”, conta José Airton Fer-

nandes Costa, o Bacana, figura já folclórica que cuida das piscinas do Sesc Itaquerá há mais de 25 anos.

José Airton começou seu romance com o primeiro parque aquático da cidade de São Paulo, formado por cinco piscinas e oito toboáguas, antes mesmo de as escavações começarem. “Sou um nordestino cearense que chegou aqui com 18 anos e foi direto para o canteiro de obras”, relata. Ele começou como servente de pedreiro em 1986, e, aos poucos, foi galgando posições na equipe de campo da construtora, até se tornar encarregado de obra.

Seu trabalho no Sesc Itaquerá começou assim que a terraplanagem do

terreno de 350 mil metros quadrados foi concluída – o processo envolveu a remoção de toneladas de terra arenosa e sua substituição por terra argilosa, capaz de sustentar a fundação. “Foi ali que virei encarregado de obra e comande uma equipe com trinta e tantas pessoas. Como eu trabalhava com diferentes equipes, isso foi chamando a atenção do Sesc”, lembra. Já nas etapas finais da construção, entrada a década de 1990, a construtora contratou uma empresa canadense para fornecer o material e o treinamento para a instalação dos toboáguas. Doze funcionários foram selecionados para receber esse treinamento. Bacana foi um deles.

EDUCAÇÃO. Piscina do Sesc Pinheiros, onde os guardiões trabalham para prevenir acidentes, tirar dúvidas e garantir a boa convivência no espaço.



Foto: Flavia Valsani

Hoje, Bacana comanda uma equipe de quatro tratadores de piscina cuja rotina envolve manter limpo um volume de água que ele sabe de cor: 5,3 milhões de litros, em 5.000 metros quadrados de espelho d'água. Seu dia de trabalho começa com “um bendito café”, como ele mesmo faz questão de destacar, e logo seu time se embrenha no túnel técnico para fazer uma análise do sistema de filtragem, que utiliza oito tanques de areia com três toneladas cada. As amostras de água são avaliadas de hora em hora, e os produtos que controlam o pH, a dureza e a presença de micro-organismos do sistema são injetados na saída do filtro.



“Você ver a alegria dos frequentadores e saber que está colaborando para aquilo é um dos retornos [do trabalho]”



A equipe divide as tarefas de limpeza da superfície das piscinas com peneira, aspiração do fundo e inspeção dos toboáguas antes de o parque aquático abrir as portas.

Durante o resto do dia, enquanto o público de mais de 3.000 pessoas curte o dia nas piscinas, a correção da água é constante. O fim do expediente muitas vezes acaba com uma sessão de natação: “Nadar faz parte do trabalho, eu preciso conhecer o que estou entregando, e me ajuda a ficar atento à qualidade da água. Você ver a alegria dos frequentadores e saber que está colaborando para aquilo é um dos retornos”, conclui Bacana.

Quanta história

Durante os quatro meses finais da obra no Sesc Itaquera, Jozenildo Benicio Sobral, de 52 anos, havia acabado de ser transferido da área de piscinas do Sesc Interlagos para lá. Se um passou de funcionário de construtora para funcionário do Sesc, Nildo, como gosta de ser chamado, teve uma trajetória diferente: passou de frequentador a funcionário. Sua história com a instituição começa em 1988, quando passou a frequentar a unidade de Interlagos. Encanador, aproveitou a primeira oportunidade de emprego que a unidade ofereceu e se tornou encarregado pela hidráulica da unidade. “Cuidava dos poços artesianos e de tudo o que envolvia água. “Todo o sistema de captação de água e preservação das nascentes em Interlagos foi muito bem executado e mantido. Tínhamos inclusive um curso de conscientização ambiental para as crianças do Curumim, que usava a unidade como exemplo de conservação”.

Jozenildo se especializou em tratamento de piscinas e assumiu essa área na unidade. Passou quatro anos cuidando de um sistema de três piscinas que eram filtradas usando três tipos de areia com granulometrias diferentes. Depois desse período, foi ajudar na inauguração da unidade em Itaquera, onde passou os 18 anos seguintes. “É

o maior volume de água de São Paulo. Quem tem a oportunidade de trabalhar ou estagiar lá tem uma experiência muito boa”, afirma. Em 2010, foi convidado a assumir o tratamento de piscinas no Sesc Belenzinho, onde permanece até hoje.

O trabalho que desenvolve nessa unidade é muito semelhante ao que executava em Itaquera, com duas diferenças cruciais: não há toboáguas, e há um sistema de aquecimento inovador. Ali, são seis piscinas, sendo que duas (a semi-olímpica e a infantil) são internas, o que envolve um sistema de aquecimento mais complexo. “Nas internas, estipulamos uma temperatura de trabalho de 28°C a 30°C. O aquecimento é feito prioritariamente pelo expurgo do ar-condicionado, e há um aquecedor a gás que ajuda a temperatura a alcançar e manter o valor desejado”, explica. É um sistema de reaproveitamento de energia que se assemelha, como Nildo descreve, a um radiador de carro. “Imagine duas paredes, sendo que em uma passa o ar quente canalizado do expurgo do ar-condicionado, e na outra passa a água da piscina. Essa troca de calor muitas vezes é suficiente para atingir a temperatura necessária”. As placas desse “radiador” precisam ser higienizadas a cada seis meses, aproximadamente.

Cloro

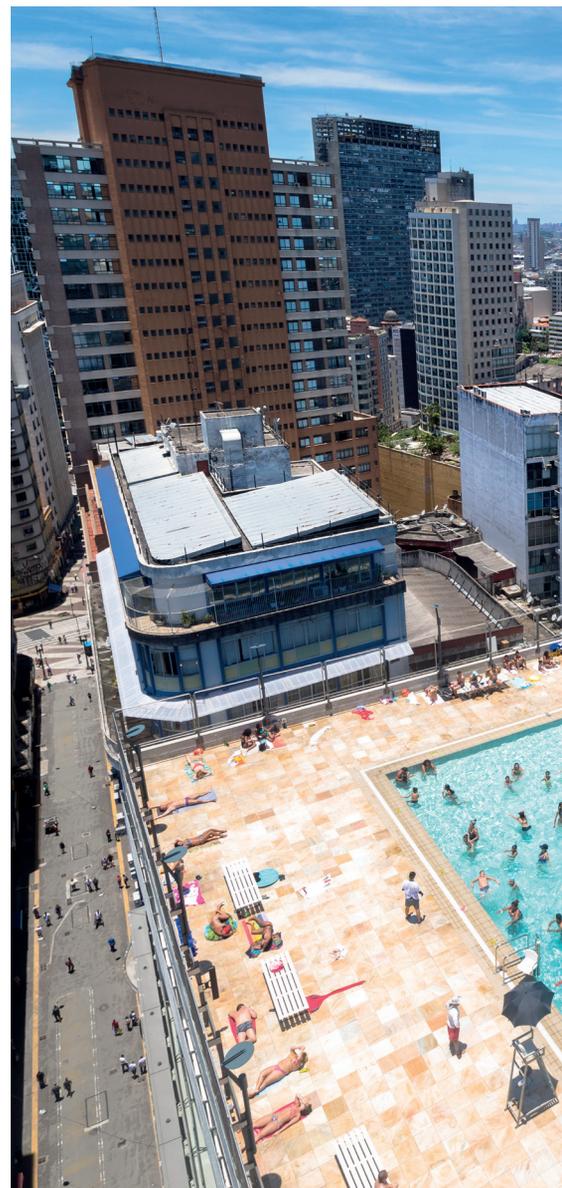
Em uma linguagem técnica que domina perfeitamente, Nildo descreve com minúcia a função do cloro nas piscinas: “Ele decanta a piscina. Ou seja, ele aglutina as partículas de impureza, formando flocos que são mais pesados do que a água e vão, portanto, para o fundo da piscina. Então parte vai direto para o filtro e parte precisa ser aspirada. O cloro também mata bactérias e algas para dar segurança ao banhista”. A análise de água, que ocorre de hora em hora nas seis piscinas diferentes do Belenzinho, permite manter todos os parâmetros, inclusive de cloração da água, equilibrados. São 80

leituras de água por dia, e a quantidade de hipoclorito – nome técnico do cloro – chega na casa das 120 toneladas por ano na unidade.

Nildo tem esses dados na ponta da língua porque costuma convidar os frequentadores que demonstram curiosidade pela qualidade e temperatura da água a um tour pelos túneis técnicos da unidade. “Isso muda muito a visão das pessoas, e podemos sentir uma valorização do nosso trabalho”, considera. “Eu faço esse trabalho há 29 anos. Me identifiquei muito rápido com essa área porque, pessoalmente, sempre gostei de água. Já tive convite para trabalhar em outras áreas de infraestrutura, mas o que eu gosto mesmo é de trabalhar com água. O Sesc nos dá condições de desenvolver um trabalho eficiente, e isso volta na forma de reconhecimento interno e do público”, conclui. Sente-se como um peixe dentro da água.

Os guardiões

Alan Lauritti compartilha dessa sensação: ele é salva-vidas há 26 anos e guardião de piscinas do Sesc Consolação há 15. “Eu nadava por um clube quando tinha 18 anos, e uma coisa levou à outra. O pessoal me chamava para fazer bico de fim de semana, depois recomendaram que eu fizesse um curso de salva-vidas e acabei trabalhando lá durante dez anos”, relembra Lauritti. Em 1992, ano em que se tornou salva-vidas, a única porta de entrada para a profissão em São Paulo era um curso gratuito ministrado pela Secretaria de Esporte e Turismo, que oferecia exatas 40 vagas, preenchidas de acordo com o desempenho dos candidatos em testes físicos: uma prova de nado livre de 400 metros, 25 metros em apneia, e um minuto se mantendo suspenso no mesmo ponto, com a mão pra fora da água, se equilibrando só com os pés. Alan se saiu bem, fez o curso e se tornou salva-vidas pelo mesmo clube por 10 anos.



Foi lá que lidou com seu resgate mais marcante: “Lembro até hoje. Era dia 25 de janeiro, feriado de São Paulo. Foi meu primeiro caso de afogamento que precisou de RCP [reanimação cardiopulmonar]. Era um jovem de 20 anos, alcoolizado. A piscina estava cheia e nem vimos ele se afogando. Quando nos demos conta, ele já estava no fundo da piscina. A piscina tinha oito metros de profundidade, porque era uma piscina de salto. Pulamos, ti-



“Diferentemente de um bombeiro, que é chamado só quando o incidente ocorre, a prevenção faz parte do trabalho do guardião de piscina”

Foto: Matheus José Maria



ZELO. A limpeza e a organização das áreas aquáticas do Sesc são não apenas sinais de respeito com os frequentadores, mas têm também uma dimensão educativa.

ramos ele da água, e começamos o RCP, que naquela época ainda era feito com boca a boca, método que nem é usado mais, atualmente. Continuamos o procedimento na ambulância até chegar ao hospital”, relata. Foram bem-sucedidos: salvaram a vida do rapaz.

Felizmente, durante seus anos de atuação no Sesc São Paulo, Alan nunca precisou fazer um salvamento tão dramático. “Diferentemente de um bom-

beiro, que é chamado só quando o incidente ocorre, a prevenção faz parte do trabalho do guardião de piscina. Às vezes acham que não estamos fazendo nada. Ótimo: um dia bom de trabalho é quando as orientações e prevenções que fazemos são efetivas e nada acontece”, explica. O melhor momento do dia, segundo ele, é assinar uma ficha no término do expediente com os dizeres “nenhuma ocorrência”. ☒

“GUARDIÕES DE PISCINAS SÃO ANJOS”

Há quatro anos como guardiã da piscina do Sesc 24 de Maio, Cristiane Franciulli Maia, de 28 anos, fala sobre a profissão.

Por que se atraiu pela área?

Sempre gostei de atividade física, especialmente de nadar. Comecei em academia quando criança e não parei mais. Gosto da profissão de guardiã de piscina porque ela mexe com a gente. Você trabalha com vidas, está ali para proteger as pessoas. Isso não tem preço. Guardiões de piscinas são anjos.

Como ingressou?

Fiz um curso na praia de Itanhaém, de GVT (guarda-vidas temporário). É um estágio de três meses durante o verão, e você sai com o certificado de guarda-vidas. As provas são feitas no mar, tem uma prova inicial que é corrida, aptidão física, e depois você exerce a profissão na própria praia.

Como é o trabalho no Sesc?

É um trabalho necessário, cuidadoso, que envolve mais orientação e relação com o público. Sempre quis trabalhar nesta unidade. Ela é nova, e acho que tenho muito a contribuir para seu crescimento. Quero ajuda a criar uma diretriz aqui.

Qual é a pergunta mais comum que lhe dirigem durante seu expediente?

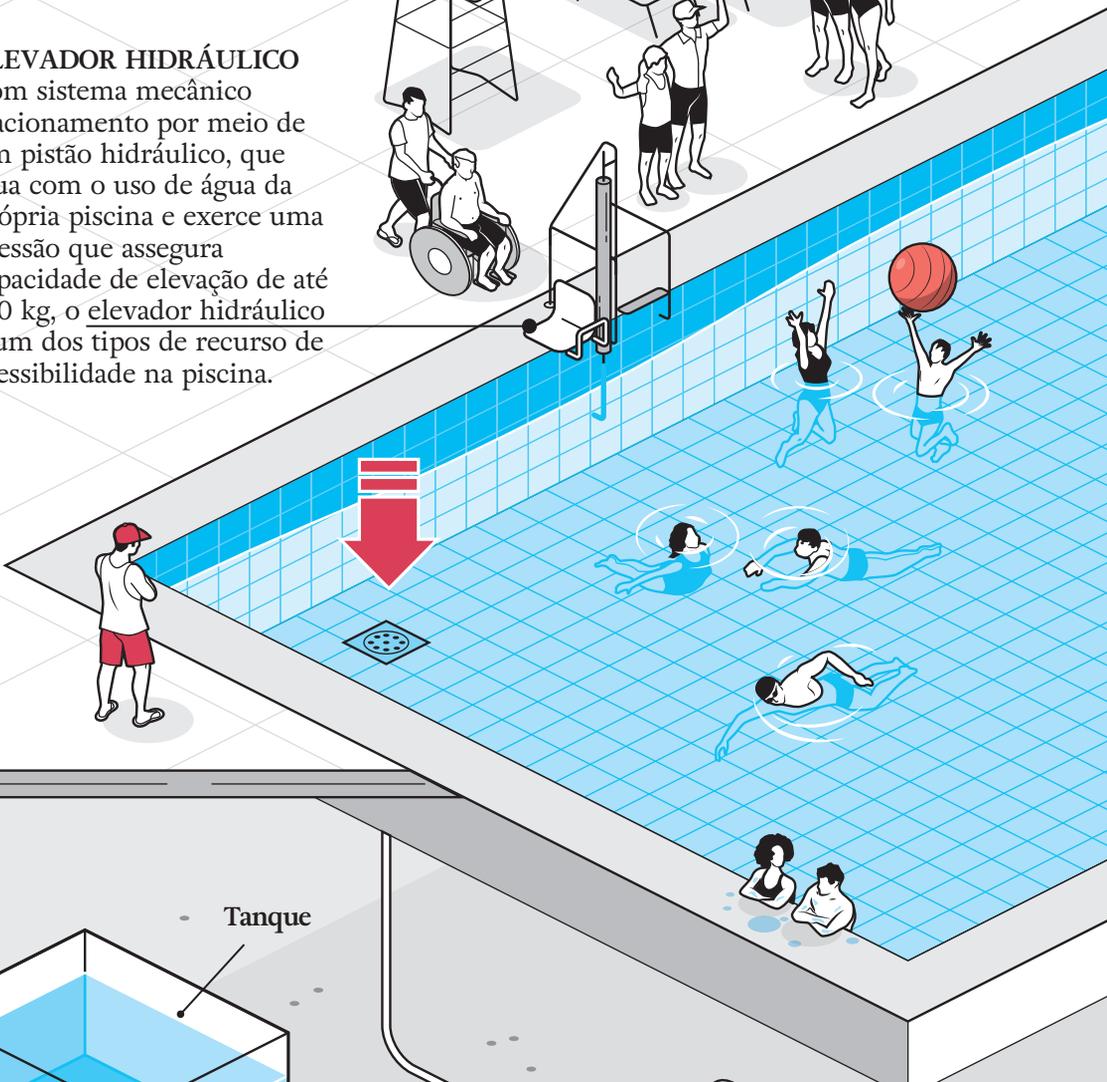
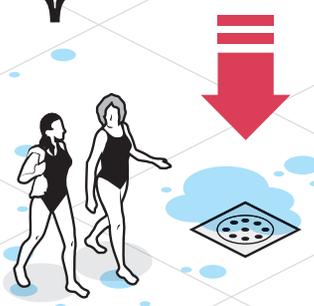
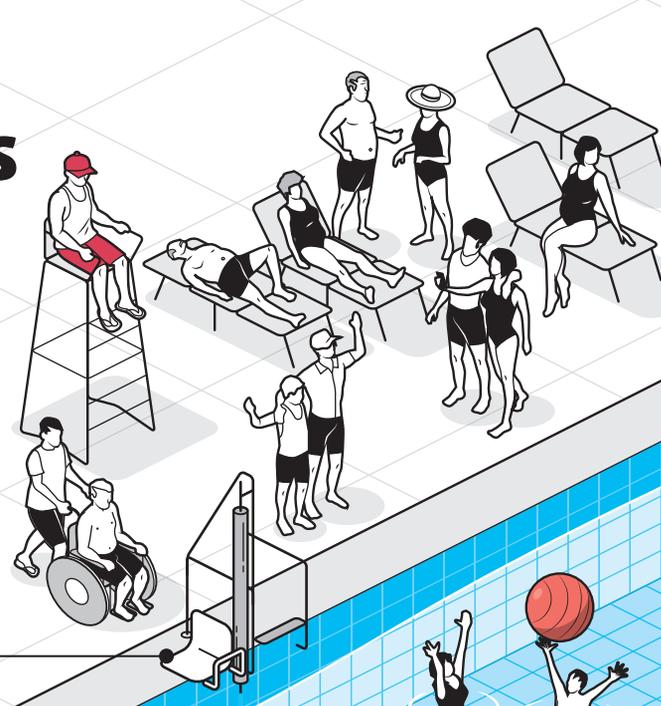
Sempre perguntam o que é aquele negócio no meio da piscina. Acham que é uma fonte, uma cascata. Mas não é. Aquela é a saída de um duto de ar, o respiro do prédio. Caso aconteça um incêndio, algo assim, toda a fumaça sobe e é expulsa por ali. É um respiro do prédio.

Engenharia das águas

infográfico: Rodrigo Damati

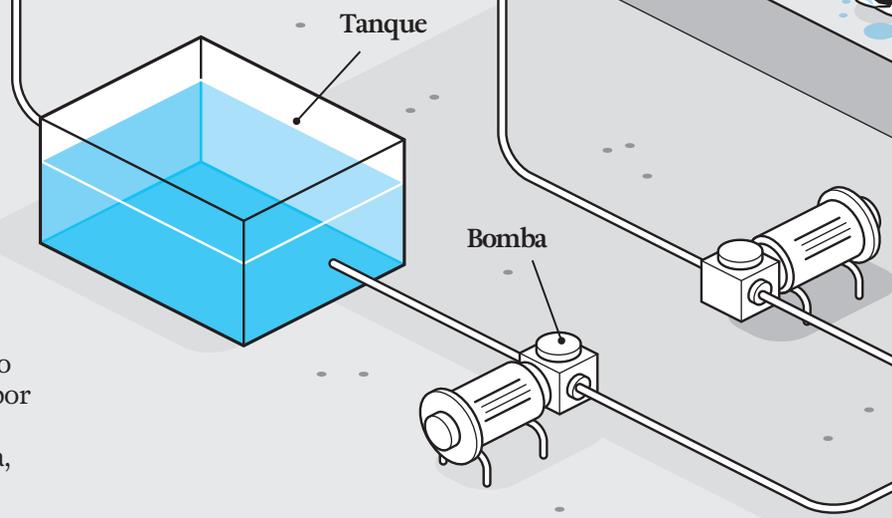
Saiba mais sobre o trabalho de bastidores que garante a excelência das piscinas do Sesc

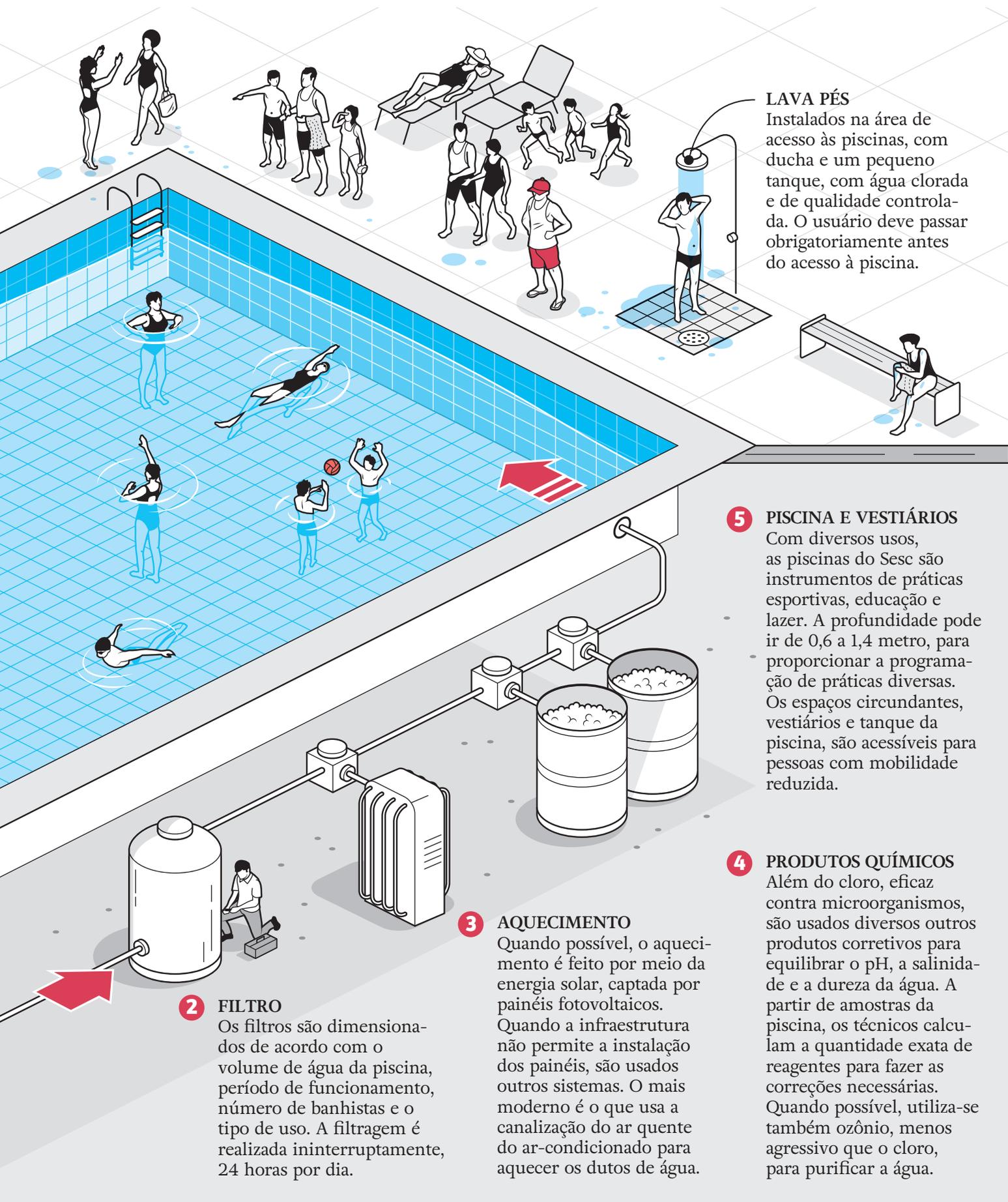
ELEVADOR HIDRÁULICO
Com sistema mecânico e acionamento por meio de um pistão hidráulico, que atua com o uso de água da própria piscina e exerce uma pressão que assegura capacidade de elevação de até 140 kg, o elevador hidráulico é um dos tipos de recurso de acessibilidade na piscina.



Como é feito o tratamento

1 CAPTAÇÃO
A água excedida do tanque é captada por grelhas ou ralos e novamente tratada, minimizando o desperdício e o impacto ambiental.





LAVA PÉS

Instalados na área de acesso às piscinas, com ducha e um pequeno tanque, com água clorada e de qualidade controlada. O usuário deve passar obrigatoriamente antes do acesso à piscina.

5 PISCINA E VESTIÁRIOS

Com diversos usos, as piscinas do Sesc são instrumentos de práticas esportivas, educação e lazer. A profundidade pode ir de 0,6 a 1,4 metro, para proporcionar a programação de práticas diversas. Os espaços circundantes, vestiários e tanque da piscina, são acessíveis para pessoas com mobilidade reduzida.

4 PRODUTOS QUÍMICOS

Além do cloro, eficaz contra microorganismos, são usados diversos outros produtos corretivos para equilibrar o pH, a salinidade e a dureza da água. A partir de amostras da piscina, os técnicos calculam a quantidade exata de reagentes para fazer as correções necessárias. Quando possível, utiliza-se também ozônio, menos agressivo que o cloro, para purificar a água.

2 FILTRO

Os filtros são dimensionados de acordo com o volume de água da piscina, período de funcionamento, número de banhistas e o tipo de uso. A filtragem é realizada ininterruptamente, 24 horas por dia.

3 AQUECIMENTO

Quando possível, o aquecimento é feito por meio da energia solar, captada por painéis fotovoltaicos. Quando a infraestrutura não permite a instalação dos painéis, são usados outros sistemas. O mais moderno é o que usa a canalização do ar quente do ar-condicionado para aquecer os dutos de água.

entrevista

JOSÉ MAGNANI, ANTROPÓLOGO

“A piscina é um centro de sociabilidade”

Para José Magnani, professor titular da USP, as práticas de lazer podem ser interpretadas e reconfiguradas a partir do ponto de vista de seus usuários

texto: Gabriel Vituri

Foto: Dani Sandrini



Certamente você conhece alguém que adora frequentar uma piscina, mas que não ousa mergulhar nem sequer os pés na água. Deitadas em cadeiras espalhadas nas bordas ou batendo papo sob um guarda-sol, essas pessoas chegam e saem com seus trajés de banho intactos. Para muitos, isso pode soar estranho, afinal, piscina é água, e água, para se molhar. Mas para o antropólogo e professor titular da Universidade de São Paulo (USP) José Guilherme Cantor Magnani, não há nada estranho em usufruir desse espaço dessa maneira. É tudo questão de perspectiva. “A piscina, na verdade, é um centro de sociabilidade. Ela tem esse lado simbólico importante, de estar no centro de um espaço de convivência”, afirma o pesquisador.

Responsável por coordenar o relatório “Cultura e Lazer: práticas de lazer e físico-esportivas dos frequentadores do Sesc em São Paulo”, publicado em 2015, José Magnani demonstra que a ideia de lazer suscita várias interpretações distintas, podendo ser reconfigurada por aqueles que usufruem das atividades. No estudo, o professor e uma equipe de pesquisadores percorreram diferentes unidades da instituição para observar, a partir do método etnográfico, a forma que os usuários escolhiam aproveitar os espaços oferecidos pelo Sesc.

Na entrevista a seguir, o antropólogo explica por que as piscinas são mais que um espaço de práticas aquáticas.

Como o senhor definiria a discussão sobre a temática do lazer e como as pessoas se relacionam com esse debate?

O lazer, de maneira geral, é visto formalmente como um direito social, há até documentos comprovando isso, mas, partindo de um olhar mais ana-

lítico, do meu ponto de vista da antropologia, o lazer é mais amplo. O lazer pode ser considerado do ponto de vista do Direito; da possibilidade de exercê-lo no chamado tempo livre; junto a instituições que oferecem atividades de lazer; e também do mercado.

Qual foi a abordagem que vocês como pesquisadores procuraram no relatório “Cultura e Lazer: práticas de lazer e físico-esportivas dos frequentadores do Sesc em São Paulo”?

Primeiramente, valorizamos que o Sesc é uma das poucas instituições em que o lazer não é só tema de pesquisa, como foi, mas é também uma instituição que oferece práticas de lazer. Num segundo momento, a ideia era ver o comportamento dos frequentadores: se o Sesc como instituição oferece práticas, os frequentadores também têm sua visão do que é lazer, então toda a

“A piscina é um centro de sociabilidade. As pessoas até entram na água, mas às vezes você vê uma piscina enorme e todo mundo está em volta, nas cadeiras, tomando sol, conversando, mas não necessariamente dentro da água”

pesquisa buscou mostrar de que maneira os frequentadores, na sua inventividade, usam o lazer do seu ponto de vista. É aí que entra a perspectiva mais etnográfica da antropologia: se de um lado a gente reconhece todo o leque de alternativas que a instituição oferece, do ponto de vista dos frequentadores a ideia de lazer pode ser bem mais ampla.

De que forma isso foi demonstrado no estudo?

Vou te dar um exemplo: a ideia da soneca, que aparece no relatório. Para quem oferece práticas de lazer, ver alguém dormindo no sofá pode ser uma coisa estranha, “tanta coisa pra fazer e ele vem dormir”, mas para o frequentador aquilo pode ser um bom lugar de acolhimento pra ele descansar. Então, aí começam a aparecer essas sutilezas da análise. Eu até tenho um termo para isso, chamo de contra-usos do lazer, que são as formas que agentes sociais escolhem para utilizar [a estrutura de lazer] do seu ponto de vista.

Esse é um pouco o quadro geral, a ideia pode ser analisada desde muitos pontos de vista, e acho que é isso que constitui a riqueza desse tema, saindo um pouco da caixinha do que o mercado prega. A minha brincadeira é a seguinte: alguns têm uma ideia muito clara do que seja o lazer, por exemplo as imobiliárias quando oferecem um condomínio dizendo que ali tem “lazer completo”. Eles têm absoluta certeza do que é lazer, e nós colocamos isso em discussão, é um ponto de vista da Academia, e mais especificamente no meu caso, da Antropologia Urbana.

O lazer, como vocês apontam na pesquisa, também dá trabalho.

A ideia de senso comum sobre o lazer é de que ele é espontâneo. Tem um lado interessante: não fazer nada, por exemplo, é uma forma de lazer. Em

uma entrevista que fizemos para o relatório, perguntamos a uma entrevistada o que ela ia fazer no Sesc, e ela respondeu: “Venho fazer nada. Vim fazer um monte de nada”.

Para o funcionário do Sesc, que oferece tantas coisas de lazer, isso pode parecer estranho. No entanto, é um contra-uso do lazer. Não fazer nada em um lugar que permite isso com acolhimento é uma forma de lazer. Agora, a ideia de que o lazer dá trabalho é porque ele não é simplesmente algo da espontaneidade apenas. Do ponto de vista de quem é um profissional do lazer, aquilo é um investimento. O lazer dos outros dá trabalho para quem oferece. Também, às vezes a gente produzir um lazer, por exemplo, o skatista que decide curtir a atividade como lazer, tem que se equipar, ter seu instrumento, decidir em que horário vai andar, e isso não deixa de ser lazer.

Isso vai bem além do senso comum que define lazer como algo quase romântico.

Sim, na verdade, no senso comum a ideia de lazer tem várias conotações. Ela se opõe a trabalho, por exemplo, e é uma coisa que estou contestando, porque de repente você pode juntar o trabalho com o lazer. Uma pessoa que está sentindo prazer no que tá fazendo naquele momento, de certa maneira está fruindo. Tem um gancho que utilizei no livro “Lazer de Perto e de

Dentro: Uma Abordagem Antropológica” (Edições Sesc, 2018), que traz essas várias formas como os meus alunos estão estudando o lazer nas suas práticas. Eu começo assim: um escritor foi convidado por um amigo para ir a um sítio para terminar seu livro. Ele senta na varanda, deita na rede, e começa a retomar os personagens que estava fazendo, os capítulos, quando passa o caseiro e diz, “descansando, hein, professor”, ao que ele responde, “não, trabalhando”. Depois de um tempo, ele consegue reestruturar alguns capítulos, levanta da rede, dá uma volta, vê uma horta e uma enxada e começa a capinar, quando o caseiro passa e diz, “trabalhando, hein, professor”, e ele diz, “não, descansando”. Então, dependendo da perspectiva com que a gente olha, o trabalho pode ser lazer, e o lazer pode ser trabalho. Isso complica um pouco, mas amplia o quadro.

Como as rápidas transformações que as cidades atravessam podem modificar as formas de usufruir de atividades de lazer?

Por exemplo, você tem a questão das redes sociais: como as coisas acontecem de forma muito acelerada, já tive vários exemplos de alunos que estão assistindo a uma aula, que certamente não é um lazer, mas que estão usando o celular para acessar o YouTube ao mesmo tempo. Num primeiro momento,

o professor mais convencional diria que é preciso prestar atenção o tempo todo na aula, mas há uma nova perspectiva sendo incorporada, em que é possível fazer duas coisas ao mesmo tempo. Você tem, então, a alternância entre o lazer e uma coisa de não-lazer, como a aula, que pode ser também observada no ambiente de trabalho, e passa de um lugar para o outro sem solução de continuidade.

Não existe uma separação antiga, em que se trabalha a tal horário, e depois vai pra casa e descansa no fim de semana. Você pode trabalhar no fim de semana, assim como na hora do trabalho é possível haver momentos de fruição. As relações de trabalho atuais, e a forma acelerada da vida cotidiana, permitem essas passagens rápidas. Não dá mais pra classificar de uma forma muito dicotômica. Na cidade, mesmo que você esteja trabalhando, indo de um lugar para outro, andando pelo centro, na caminhada é possível usufruir de uma vista, de uma conversa, de uma troca, então há a possibilidade. Acho interessante essa alternância, depende muito da agência do ator social, ele não fica preso à oferta do mercado do lazer. E de repente fica tão mais amplo que ele pode acabar não precisando de mais equipamento nenhum, e sim dos elementos que ele próprio tem. É uma coisa perspectivista.

Falando mais especificamente das piscinas, a que o senhor atribui o fascínio da população por espaços e atividades aquáticas?

Isso nos chamou atenção em três lugares da pesquisa: em Itaquera, com aquele parque aquático tão importante; no Belenzinho; e em Presidente Prudente. A unidade de Itaquera fica na periferia, e oferece um serviço de alta qualidade a uma população que não tem acesso a piscinas em suas casas, ou acesso fácil para ir passar férias na praia, então não é só a questão de nadar, é a sociabilidade: as pesso-

“Na cidade, mesmo que você esteja trabalhando, indo de um lugar para outro, andando pelo centro, na caminhada é possível usufruir de uma vista, de uma conversa, de uma troca”

as se encontram, se observam, paqueram, há a possibilidade de a criança brincar de um jeito e o adulto de outro. Na antropologia a gente poderia chamar isso de “fato social total”. Não é simplesmente o contato da água com o corpo, é todo esse conjunto, a roupa, o corpo, o olhar, tudo isso faz com que o lazer na piscina seja amplo, e diverso, na verdade.

Em Itaquera, uma das coisas que nos chamou a atenção foi a centralidade da piscina, os tobogãs, as regras todas, isso causa um fascínio mesmo, é bem interessante. No caso de Presidente Prudente, o Sesc recebeu essa piscina de águas térmicas, que estão mais ligadas à questão da saúde: muitos idosos e crianças vão usufruir. Para além da questão do prazer e do lazer, há a questão curativa também. Não faz bem pro corpo só na parte física, de exercícios: nesse caso a temperatura da água também funciona como elemento de atração pelo fato de ser curativa.

Cada vez mais, é possível observar um aumento de piscinas privadas, onde há uma circulação de pessoas bem menor do que nas piscinas coletivas.

Em geral são piscinas que estão em condomínios, prédios, e também as individuais, mais da elite, em suas casas. Mas mesmo nesses casos são de uso coletivo em termos familiares, dentro de um ciclo de convivência da pessoa. Normalmente não é para uso individual. Como lazer, mesmo numa casa de família, a piscina é lugar de convivência, com familiares, colegas, que se reúnem para curtir algo em torno da piscina, não necessariamente pra entrar na água, mas para conversar, debater, ter formas de sociabilidade. A piscina, na verdade, é um centro de sociabilidade. As pessoas até entram na água, mas às vezes você vê uma piscina enorme e todo mundo está em volta, nas cadeiras, tomando sol, conversando, mas não necessariamente dentro da água. Isso é inte-

ressante. Ela tem esse lado simbólico importante, de estar no centro de um espaço de convivência, tanto em casas particulares como nos clubes e outras instituições.

E no caso das piscinas coletivas, que tipo de desafios existem?

Quando a piscina é mais coletiva, aí tem a convivência de quem não se conhece. Eu trabalho com a ideia do “pedaço” e da “mancha”. No pedaço, todo mundo se conhece, ninguém é estranho, não há sobressalto. Mas numa piscina grande, como a de Itaquera, por exemplo, consideramos que há uma mancha, gente de vários lugares diferentes, de várias regiões, de classes sociais distintas, e isso implica em regras de convivência. As regras são dadas pela instituição, mas também são inventadas pelos frequentadores.

“A piscina é lugar de convivência, com familiares, colegas, que se reúnem para curtir algo em torno da piscina, não necessariamente pra entrar na água, mas para conversar, debater, ter formas de sociabilidade”

A piscina é um bom lugar para constituir regras: tem algumas dadas oficialmente, como o exame médico, o traje de banho apropriado, onde pode ir a criança, o adulto, tudo isso é regulado pela instituição, mas a convivência também é regulada pelas pessoas. Se a gente fizesse uma pesquisa de longa duração, poderia ser bem curioso ver como são criadas as regras e “contrarregras” para burlar uma regra oficial, que usuários podem considerar coercitiva. Há aí um ambiente interessantíssimo para ver como a piscina favorece um ambiente de sociabilidade. Acho que esse campo é muito rico, e o Sesc é um lugar legal pra esse tipo de análise.

Como as instituições que oferecem um centro de lazer com piscinas devem lidar para promover um aproveitamento amistoso desses espaços?

São espaços comuns. Todo espaço coletivo exige um tipo de convivência que é dado de forma institucional, porque normalmente não são as pessoas que decidem a forma de utilizar. Isso sai um pouco dos gostos pessoais, porque, como tem um núcleo grande de frequentadores, é preciso consenso. É o que eu chamo de “regra mínima”, caso contrário a convivência fica impossível. Para além das regras mínimas, como ao mesmo tempo as pessoas em torno dela estabelecem suas regras? Uma pesquisa antropológica poderia fazer isso, comparando, por exemplo, condomínios, clubes, casas, pra ver como são constituídas as regras para usufruir desse equipamento tão específico que é a água. Que tipo de atitude corporal, que tipo de roupa, o que pode comer, a música que é levada. Isso exigiria uma bela pesquisa, uma etnografia, pra gente entender como se forma um aprendizado, e uma postura socioeducativa precisa estar aberta para a modificação, senão seria muito impositivo. É preciso acompanhar as mudanças: certamente uma piscina da década de 1940 tinha um uso muito diferente do uso de hoje. ■

Dois em um

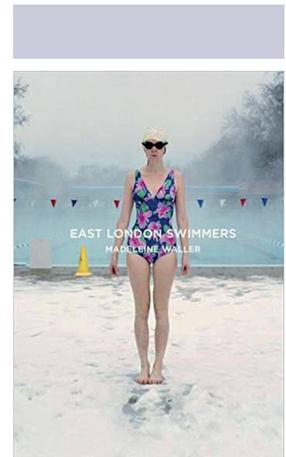
Ensaio de Madeleine Waller traz frequentadores de piscina pública britânica com trajes de banho e com roupas normais, lado a lado

texto: Gabriel Vituri
fotos: Madeleine Waller

“Eu comecei a nadar depois de ter sido pego no tsunami da Tailândia. Estava em férias com minha família quando a onda veio (...) Ao voltar para casa, tinha medo de água, então participei de uma competição em um lago e minha paixão por nadar longas distâncias nasceu.” O depoimento, embora soe um pouco apavorante, conta uma história que acabou bem. Nick e seus familiares se salvaram da tragédia, e hoje ele já realizou grandes nados, como a travessia entre a Espanha e o Marrocos, por exemplo.

Essa história, dentre várias outras, é contada em “East London Swimmers”, de Madeleine Waller, livro lançado em 2014 pela editora britânica Hoxton Mini Press. A obra reúne uma série de retratos feitos pela fotógrafa em uma piscina pública na zona leste da cidade de Londres e chama atenção pela sua proposta estética e conceitual: nas imagens, frequentadores do local são fotografados com seus trajes de banho, mas também com as roupas sociais que estão vestindo ao chegar ou ao sair dali. “Vários nadadores ficam irreconhecíveis, especialmente com os óculos e a touca. É como um disfarce, eles parecem anfíbios. Há pouquíssimos esportes em que as pessoas assumem uma persona diferente





LIVRO

East London Swimmers (2014), Ensaio fotográfico; 96 págs; 145 x 205mm

AUTORA

Madeleine Waller

EDITORA

Hoxton Mini Press

SITE

www.hoxtonminipress.com



“Vários nadadores ficam irreconhecíveis, especialmente com os óculos e a touca. É como um disfarce, eles parecem anfíbios. Acho que há pouquíssimos esportes em que as pessoas assumem uma persona diferente quando estão vestidas com as roupas específicas para a prática”





quando estão vestidas com as roupas específicas para a prática”, explica Madeleine.

Madeleine Waller nasceu na Papua Nova Guiné, mas cresceu em uma pequena cidade na Austrália. Sua relação com a fotografia começou a tomar forma somente quando viajou para a Europa, aos 18 anos. Além de ter descoberto seu entusiasmo pelas fotos, descobriu também a capital do Reino Unido, onde mora desde 1987. “Viver em Londres mudou completamente a minha vida e me abriu um outro mundo”, afirma.

“Swimmers” retrata um local público bem específico e que ficou abandonado por quase duas décadas. Fechada em 1988, a piscina London Fields Lido, situada na vizinhança de Hackney, foi restaurada e reaberta em 2006 após cerca de três anos de negociações, um processo que hoje é mencionado como exemplo de revitalização na cidade londrina. Atualmente, a Lido, apesar de estar a céu aberto, tem aquecimento e é frequentada o ano todo. “Quando a piscina reabriu eu fiquei intrigada e achei estranha a ideia de nadar durante o inverno em uma



piscina aquecida”, conta a fotógrafa. “Comecei a nadar lá regularmente e fui fisgada por como as pessoas pareciam diferentes dentro da água e depois de se trocar nos vestiários. Então, passei a frequentar o espaço com minha câmera Hasselblad”, explica.

Madeleine passou meses fotografando os frequentadores locais com sua câmera analógica de médio formato, que usa um filme mais largo, de 120mm, e não os de 35mm, mais comuns no mercado. Praticamente todas as pessoas, ela lembra, toparam participar do projeto. “Acho que fun-

cionou porque eu também sou nadadora, e isso ajudou a me conectar com eles”. Pelas fotos publicadas em “East London Swimmers”, é quase possível sentir frio. “Há diferentes tipos de pessoas que usam a piscina em vários momentos do dia e do ano, e a tendência é que pela manhã e no inverno os nadadores sejam mais dedicados”, afirma.

Primeiramente, o resultado do projeto apareceu em uma seção do jornal britânico “The Guardian”. Depois, as fotos ficaram expostas no próprio espaço da Lido; prevista para durar apenas seis semanas, algumas imagens



“Fui fisgada por como as pessoas pareciam diferentes dentro da água e depois de se trocar nos vestiários. Então, passei a frequentar o espaço com minha câmera”



acabaram ficando no local por quase três anos. Em seguida, Madeleine foi convidada para fazer uma edição do material pela Hoxton, quando então decidiu entrevistar os participantes para descobrir suas razões para nadar. “Todos os relatos são muito interessantes, é como se fosse uma terapia para a maior parte das pessoas.”

Cria do fotojornalismo, Madeleine Waller trabalhou com várias revistas e jornais, mas hoje tenta se concentrar em seus projetos pessoais e artísticos. Seu projeto mais recente se debruça sobre a relação entre irmãos.

Esteticamente, o trabalho remete um pouco a “Swimmers”, com os personagens dispostos lado a lado em fotografias diferentes. “Eu gosto de fazer retratos, é uma tentativa de se conectar com um estranho. Acho que bons retratos capturam algo, é uma colaboração entre o fotógrafo e a pessoa fotografada”, reflete.

A conexão de que Madeleine fala aparece não só nos personagens retratados no livro publicado em 2014, mas também no próprio espaço da London Fields Lido: “Eu amo a Lido, é um lugar fantástico para ter por perto.

Eu prefiro o inverno, quando é mais quieto e fácil de nadar”, revela a fotógrafa e nadadora, que gosta do contraste entre a água morna e a atmosfera esfumaçada do local.

Apesar de estar em Londres há tanto tempo, lembranças australianas também aparecem dentro da piscina, como ela conta, em tom de brincadeira: “A região onde eu cresci é conhecida pelos tubarões, e eu tenho um medo quase irracional deles. De vez em quando, me convenço de que há um dentro da água, e isso me ajuda a nadar bem mais rápido!”. ☒

ACERVO SESC DE ARTE BRASILEIRA



Foto: Everton Ballardin

Ponto Final (2017)
Elisa Bracher
Sesc 24 de Maio

Esculturas, pinturas, desenhos, fotografias e instalações de importantes nomes da cultura brasileira compõem a coleção permanente do Sesc São Paulo.

As obras habitam os diferentes espaços das unidades e são meios fundamentais à ação educativa da instituição ao convidarem continuamente o público a perceber as múltiplas dimensões e possibilidades da arte.



Foto: Daniel Ferreira

Páreo #2 (2010)
Tatiana Blass
Sesc Belenzinho

PARA SINTONIZAR: OI TV, CANAL 128,
OU CONSULTE SUA OPERADORA

24 HORAS DE PROGRAMAÇÃO NA TV E NA INTERNET



E MAIS DE
700 PROGRAMAS
ON DEMAND EM **SECTV.ORG.BR**



Tomie Ohtake
Panorama da Arte Brasileira
Lygia Clark
29ª Bienal: Os brasileiros
Hélio Oiticica



Casa da Ópera de Ouro Preto
Teatro Amazonas
Tiradentes, MG
Estrada Real
Paraty, RJ



Meio Ambiente
Cidades
Identidade Nacional
Ciência e Universidade
Política

